



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

SEBASTIÃO PEREIRA NUNES

**O PAPEL DA IDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE
LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

SEBASTIÃO PEREIRA NUNES

**O PAPEL DA IDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE
LINGUA ESTRANGEIRA**

Artigo apresentado ao Curso de Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento parcial à exigência para obtenção do título de graduado sob a orientação do professor Celso José de Lima Júnior.

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972p Nunes, Sebastião Pereira.
O papel da idade no processo de aprendizagem de língua estrangeira [manuscrito] / Sebastiao Pereira Nunes. - 2019.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Me. Celso José de Lima Junior ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Ensino de língua estrangeira. 2. Aprendizagem. 3. Sala de aula. I. Título

21. ed. CDD 372.65


SEBASTIÃO PEREIRA NUNES

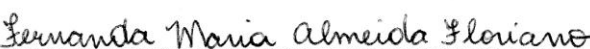
**O PAPEL DA IDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE
LINGUA ESTRANGEIRA**


Artigo apresentado ao Curso de Letras, com habilitação em língua inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento parcial à exigência para obtenção do título de graduado sob a orientação do professor Celso José de Lima Júnior.

APROVADA EM: 17/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Celso José de Lima Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Fernanda Maria Almeida Floriano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Catarina de Senna de Almeida Borba
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 A Teoria da aquisição-aprendizagem por Stephen Krashen.....	7
2.2 O Modelo Do Monitor.....	8
2.2.1 A Hipótese Da Distinção Entre Aquisição E Aprendizagem.....	8
2.2.2 A Hipótese Da Ordem Natural.....	9
2.2.3 A Hipótese Do Input Ou Insumo.....	9
2.2.4 A Hipótese do Monitor.....	11
2.2.5 A Hipótese do Filtro Afetivo.....	11
2.3 Eric Lenneberg e a Hipótese do Período Crítico.....	12
2.4 Teóricos com Posicionamentos Contra e a Favor da Teoria de Lenneberg.....	13
2.5 Shutz e a Pronúncia de LE.....	14
3. METODOLOGIA.....	15
4. ASPECTOS EDUCACIONAIS E MOTIVACIONAIS NO CONTEXTO DA IDADE E A APRENDIZAGEM DE LE.....	17
4.1 Aspectos educacionais.....	18
4.2 Aspectos Motivacionais.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
5.1. CONCLUSÃO.....	21
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	21

O PAPEL DA IDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LINGUA ESTRANGEIRA

SEBASTIÃO PEREIRA NUNES (UEPB)
nunescgbrasil@gmail.com

RESUMO

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica que relaciona a faixa etária à Língua Estrangeira (LE) no processo de aprendizagem, estando fundamentada na perspectiva de alguns autores que abordam o tema. A urgente necessidade de relacionar o fator idade ao aprendizado de LE de forma adequada, se faz necessário para melhorar e ou desmistificar a problemática, posto que, por vezes, é disposta como fator principal do não sucesso no ensino-aprendizagem de LE. Diante desta problemática, este artigo de cunho bibliográfico tem como objetivo geral discutir e refletir sobre alguns aspectos do papel da idade no processo de aprendizagem de LE quais sejam: aspectos educacionais e motivacionais e implicações do ensino em sala de aula. Dentro deste escopo, os objetivos específicos vão estar divididos em duas classes: (i) discutir se existe um limite de idade ideal para a aprendizagem de LE e suas proposições e (ii) refletir e discutir como o indivíduo, mesmo na denominada “idade tardia”, é capaz de falar e compreender uma língua estrangeira como qualquer outro indivíduo com idade considerada adequada ao aprendizado normal. Neste trabalho tomamos como base teórica a ideia de Krashen (1982) e Lenneberg (1967). A conclusão da pesquisa dispõe bem como o fator idade considerado no ensino-aprendizagem de LE não pode ser tratado de forma isolada, pois para que esta tenha êxito, é interessante levar em consideração também as oportunidades de aprendizagem, a motivação, as diferenças individuais e a aptidão, entre outros fatores, abrindo, desta forma, um espaço para discussões continuadas sobre o tema para o desenvolvimento do método e alcance eficiente para o aprendizado de todos os envolvidos.

Palavras-Chave: Idade. Aprendizagem. Ensino. Sala de Aula.

THE ROLE OF AGE IN THE LEARNING PROCESS OF FOREIGN LANGUAGE

ABSTRACT

This article is a bibliographical research that relates the age group to the Foreign Language (FL) in the learning process, being based on the perspective of some authors that approach the theme. The urgent need to relate the age factor to learning FL in an adequate way is necessary to improve and / or demystify the problem, since it is sometimes used as the main factor of non-success in FL teaching and learning. Faced with this problem, this bibliographical article has as general objective to discuss and reflect on some aspects of the role of age in the process of English language learning: educational and motivational aspects and implications of teaching in the classroom. Within this scope, the specific objectives will be divided into two classes: (i) discussing the ideal age limit for FL learning and its propositions and (ii) reflecting and discussing how the individual, even in the so-called "later age", is able to speak and understand a foreign language like any other individual of an age considered adequate for normal learning. In this work, we take as theoretical basis the idea of Krashen (1982) and Lenneberg (1967). The conclusion of the research establishes that the age factor considered in FL teaching and learning can not be treated in isolation, because in order to be successful, it is

also interesting to take into account learning opportunities, motivation, individual differences and aptitude, among other factors, thus opening a space for continued discussions on the topic for the development of the method and efficient reach of the learning of all those involved.

Keywords: Age. Learning. Teaching. Classroom.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos e pesquisas na área de aprendizagem de línguas não são uma prática atual, mas remete há tempos passados. Schütz (2018) ao falar sobre os registros da busca do homem defende que os Babilônios e Egípcios já incluíam em seus estudos a preocupação em entender a capacidade cognitiva do ser humano, bem como, compreender suas habilidades.

No caso deste artigo, essa preocupação nos leva a refletir sobre questões que envolvem o fator idade e o aprendizado de Língua Estrangeira (Doravante LE). Em outras palavras, este artigo tem como objetivo geral discutir e refletir sobre alguns aspectos do papel da idade no processo de aprendizagem de LE, quais sejam: aspectos educacionais e motivacionais e implicações do ensino em sala de aula. Dentro deste escopo, os objetivos específicos vão estar divididos em duas classes: (i) discutir se existe um limite de idade ideal para a aprendizagem de LE e suas proposições e (ii) refletir e discutir como o indivíduo mesmo na denominada “idade tardia” é capaz de falar e compreender uma língua estrangeira como qualquer outro indivíduo com idade considerada adequada ao aprendizado normal.

As motivações que nos levaram ao desenvolvimento dessa pesquisa, baseiam-se principalmente nas observações e reflexões enquanto professor de inglês em escola pública.

A importância desta pesquisa reside na oportunidade de reflexão e discussão sobre a relação entre o que se entende por *idade ideal* para começar a aprender uma LE e como se desenvolve o processo de aprendizagem, o qual por outro lado, gera inúmeros debates, muitas vezes, encarado por muitos professores em formação como um tabu. Portanto, compreendemos ser esta pesquisa um importante momento para discutir esta temática, de modo que as discussões concitem os professores em formação inicial e continuada, motivando-os não só à reflexão e à discussão, mas também, a realização de novas pesquisas sobre o tema, em prol da melhoria e eficácia do ensino e aprendizagem de LE em contextos diversos que incluam aprendizes jovens e adultos.

Na prática do ensino de língua estrangeira, observamos que há uma grande parcela de alunos que demonstram interesse pela aprendizagem de LE, sem levar em consideração o

fator idade, além disso, percebemos que há um certo desejo por determinada cota de crianças, adolescente e até mesmo adultos em conhecer melhor uma LE, seja por meio de jogos, música ou outros meios, o qual pode ser estrategicamente aproveitado no aprendizado.

Desta forma, este trabalho caracteriza-se como um artigo de pesquisa bibliográfica, fundamentado, principalmente, nas ideias de Krashen (1982), bem como, nas ideias de Lenneberg (1967). Daremos destaque as seguintes ideias: (a) as teorias da aquisição-aprendizagem e a teoria do monitor; (b) os estudos sobre aquisição versus aprendizagem e; (c) a hipótese do período crítico. Além disso, para uma melhor compreensão das ideias discutidas neste trabalho, fez-se necessário outros autores, tais como: Braine (1971), Christophersen (1973), Snow (1978) Santana (2004), Palea e Bratu (2015), Assis (2017) e Shütz (2018).

Para organização de nossa discussão e reflexão sobre alguns aspectos do papel da idade no processo de aprendizagem de LE, dividimos nosso artigo em quatro seções: primeiramente trouxemos algumas teorias para discutir fatores sobre aquisição/aprendizagem, período crítico, vantagens de cunho biológicos presentes em crianças, adolescentes e jovens no processo de aprendizagem; na segunda seção, apresentamos a metodologia da pesquisa; na terceira que se refere aos aspectos educacionais, abordamos sobre o processo de aprendizagem em sala de aula e como professores podem contribuir para um aprendizado de eficiente de LE; a quarta é composta sobre as motivações que levam os indivíduos desejarem aprender uma língua estrangeira, e para concluir, nas considerações finais, tecemos algumas reflexões sobre o trabalho geral.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Teoria da aquisição-aprendizagem por Stephen Krashen

No campo de pesquisa sobre aprendizagem de Línguas, um dos teóricos que tem se destacado é o norte americano Stephen Krashen. Em 1982, em seu livro “Principles and Practices”, o autor concebe a teoria da aquisição-aprendizagem, uma abordagem científica praticável e crível, além disso, neste contexto, o autor infere que toda teoria propõe, através do seu autor, suscitar o comum propósito de conduzir as pessoas a acreditarem no seu valor técnico para que venha pôr em prática. Portanto, a teoria da aquisição-aprendizagem de acordo com Krashen é

um processo subconsciente; adquirentes de idioma não são geralmente cientes do fato de que eles estão adquirindo linguagem, mas são apenas ciente do fato de que

eles estão usando a linguagem para comunicação. O resultado da aquisição da linguagem, competência adquirida, também é subconsciente. (1982, p. 10)

Concernente à teoria da aquisição-aprendizagem explicitada acima por Krashen, compreendemos ser a aquisição uma parte importante da aprendizagem, uma vez que estes dois (isto é aquisição-aprendizagem) estão interligados, além de ser possível que um aprendiz de uma LE possa ter um e não ter o outro, tendo em vista que aquisição funciona automaticamente, em outras palavras, à medida que se adquire um, adquire o outro, mesmo que seja em níveis potencialmente altos ou baixos, pois de acordo com o autor, o resultado de ambos, ou seja, aquisição/aprendizagem é a competência adquirida, a qual segundo ele, também é subconsciente.

Neste contexto, entendemos que como dispositivo científico, a teoria propõe no âmbito de aquisição e aprendizagem desenvolver nos aprendizes de LE a expectativa de obter a língua aspirada, tal que, competência adquirida.

2.2 O MODELO DO MONITOR

Para compreendermos de forma mais clara e profunda o modelo do Monitor de Krashen (1982), se faz necessário discutir as cinco hipóteses que o norteiam e que são concebidas como facilitadores na aquisição de LE: a *Hipótese da Distinção entre Aquisição e Aprendizagem*, a *Hipótese da Ordem Natural*, a *Hipótese do Input*, a *Hipótese do Monitor* e a *Hipótese do Filtro Afetivo*.

2.2.1 A HIPÓTESE DA DISTINÇÃO ENTRE AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM

De acordo com o entendimento do teórico, existem dois meios diferentes no processo de um adulto aprender uma língua estrangeira. O primeiro deles é a *Aquisição* que é um processo automático cujo desenvolvimento se dá no nível subconsciente, dada a necessidade de comunicação, abriga em si similaridade com o processo de assimilação. Neste contexto, se assemelhando ao processo de aquisição de nossa língua materna, neste ponto, o autor infere que tal processo passa a ser automático, portanto, não dependendo de esforço consciente do aprendiz e nem de relevo no que concerne ao aspecto formal da língua, mas, todavia, no próprio ato da comunicação. Sendo assim, a interação com a língua alvo torna-se imprescindível para que se concretize a aquisição efetiva.

O segundo é um processo consciente, denominado *Aprendizagem*, resultante do conhecimento formal da língua. Por meio da aprendizagem, o adquirente demonstra conhecer as regras e de maneira consciente as expõe, culminando assim, a denominada competência

adquirida, ou resultante, conseqüentemente, o aprendiz torna-se habilitado a tornar explícitas as regras que existem na língua alvo.

2.2.2 A HIPÓTESE DA ORDEM NATURAL

A hipótese da ordem natural é a segunda dentro da teoria do monitor. Esta hipótese é concebida como uma importante abordagem no campo das pesquisas de aquisição de línguas nos últimos anos. É disposta da seguinte maneira: “estruturas gramaticais da aquisição procedem em uma ordem previsível”. Isso implica dizer que adquirentes de uma determinada língua tendem a adquirir certas estruturas gramaticais ainda cedo, e outros posteriormente. (KRASHEN, 1982, p. 19)

Tal hipótese está relacionada à aquisição e não à aprendizagem. O autor pressupõe existir uma ordem previsível no processo de aquisição de estruturas gramaticais de LE e essa ordem é similar na aquisição de regras da língua materna. Em outras palavras, determinadas regras são internalizadas, precedendo outras.

No contexto da própria hipótese, portanto, as regras gramaticais de uma LE são aprendidas de acordo com uma ordem natural, ou seja, não apenas são determinadas por fatores de complexidade linguística, sendo assim, o aprendiz precisa buscar e conhecer as regras, bem como, trazer para seu aprendizado conhecimento de mundo, e, portanto, desta maneira, não refletindo a ordem instrucional recebida pelo aluno. Além disso, no entendimento do linguista, tal sequência não é definida pela *simplicidade/complexidade* da regra em questão, mas acontece independentemente da ordem seguida em sua abordagem em sala de aula.

2.2.3 A HIPÓTESE DO INPUT OU *INSUMO*

A hipótese do Input ou Insumo apresentada em seu livro “Principles and Practices” como uma nova abordagem e conforme o autor, merece mais atenção em relação as outras. Em princípio, para esta hipótese, o linguista tece o seguinte comentário:

Levaremos muito mais tempo com essa hipótese do que fizemos com as outras por duas razões. Primeiro, muito deste material é relativamente novo, enquanto as outras hipóteses foram já descritas e discutidas em vários livros e artigos publicados. O segundo motivo é a sua importância, tanto teórica quanto prática. A hipótese do insumo tenta responder talvez a questão mais importante em nosso campo, e dá uma resposta que tem um potencial impacto em todas as áreas do ensino de línguas. (KRASHEN 1982, p. 20)

Percebemos uma atenção bem maior em relação às outras hipóteses, motivos estes, já descritos nas palavras citadas pelo linguista, bem como, uma acentuada importância, pois, segundo ele, essa nova hipótese tenta responder à questão mais importante da área do ensino de línguas, qual seja, “como ocorre o processo de aquisição de uma língua?”

De acordo com o autor, sua hipótese se impõe de maneira central em seu Modelo do Monitor pelo fato de melhor explicar, e ao mesmo tempo propor que a aquisição de uma língua estrangeira somente se torna efetiva se o aprendiz estiver exposto a porções (insumo) da língua alvo.

Ao defender esta acentuada superioridade de sua hipótese, ora em discussão, Krashen tece o seguinte comentário acerca do avanço consciente no processo e funcionalidade alcançado pelo adquirente de LE:

uma condição necessária (mas não suficiente) para passar do estágio i para o estágio $i + 1$ é que o adquirente compreenda o insumo que contém $i + 1$, em que "entender" significa que o adquirente está concentrado no significado e não na forma da mensagem. Adquirimos, em outras palavras, somente quando entendemos a linguagem que contém estrutura isso é "um pouco além" onde estamos agora. Como isso é possível? Como podemos entender linguagem que contém estruturas que ainda não adquirimos? A resposta a este aparente paradoxo é que usamos mais do que nossa competência lingüística para nos ajudar a entender. Nós também usamos o contexto, nosso conhecimento de mundo, nossa informação extra-lingüística para nos ajudar a entender a linguagem dirigida a nós. (KRASHEN, 1982, p.21)

Assim, o que entendemos do que postula o linguista, é que o adquirente da língua ao receber o ‘ i ’ (porção, enunciado, frase) na língua meta, isto é somado ‘ $i + 1$ ’ ao conhecimento lingüístico e extralingüístico possuídos pelo adquirente, ocorre a partir desse pressuposto que o ‘*understand*’ é completado através do adquirente. Para concluir, o autor afirma o seguinte:

O input (entrada, insumo) deve conter $i + 1$ para ser útil para aquisição de linguagem, mas não precisa conter apenas $i + 1$. Se o adquirente entender a entrada, isto é o suficiente, $i + 1$ será fornecido automaticamente. Em outras palavras, se a comunicação é bem sucedida, $i + 1$ é fornecido. (KRASHEN, 1982, p.21)

Entendemos, portanto, que até este ponto, está nítida a hipótese do *Input*. Quando relacionamos o uso desta hipótese para o ensino de LE é imprescindível ressaltar que essa hipótese é proveitosa e deve ser estrategicamente usada pelos professores de língua estrangeira por sua importância no âmbito de ensino e aprendizagem de línguas, levando sempre em consideração o público alvo na aplicação em sala de aula.

2.2.4 A Hipótese do Monitor

De acordo com o linguista, a competência adquirida é responsável pela habilidade em criar sentenças em uma determinada língua estrangeira, embora, o conhecimento consciente das regras da gramática (*aprendizado*), configura também uma (singular, única) função, qual seja: operar na produção dos enunciados, funcionando ou agindo como um monitor ou editor.

O monitor coloca-se exatamente na relação entre esses dois sistemas. O conhecimento subconsciente inicia a sentença, enquanto o monitor trabalha no planejamento, edição e correção da produção, sob condição de: “1) que haja tempo suficiente; 2) que o aluno esteja focado na forma de sua produção (não apenas no seu significado); 3) o aluno deve ter conhecimento prévio na regra exigida no caso” (KRASHEN, 1982, p.15).

Além do que foi descrito acima, devemos acrescentar que segundo o autor, o monitor atuará somente se houver a presença de duas ocorrências, são elas: a) O aprendiz deve externar o desejo de corrigir-se, o que implica dizer que o alvo está na forma e b) que o adquirente ou proponente precisa conhecer as regras.

2.2.5 A Hipótese do Filtro Afetivo

Outra hipótese importante para o nosso estudo é a do filtro afetivo. Ela postula que vários fatores afetivos incidem sobre a aprendizagem ou aquisição de LE. Assim, motivação, autoestima, ansiedade, personalidade e empatia têm o papel de facilitar ou dificultar o processo, mas não são causativos com relação à aquisição. A falta dos itens acima mencionados pode aumentar o filtro afetivo do aluno, não permitindo o IC (Input Compreensível) e o alcance do DAL (Dispositivo de Aquisição de Linguagem), formando um “bloqueio mental”. De maneira contrária, um baixo filtro afetivo colabora para o processo, permitindo a entrada do IC e promovendo a aprendizagem (KRASHEN, 1982). Na compreensão do linguista, quanto ao papel da idade, ele afirma o seguinte:

Supõe-se popularmente que a própria idade é um preditor de proficiência em *língua estrangeira*, que os adquirentes mais jovens são melhores na aquisição de segunda língua do que os adquirentes mais velhos. Pode-se argumentar, no entanto, que a idade não é, em si, um preditor da realização da segunda língua, e que aqui também tudo se reduz à quantidade de informações compreensíveis e ao nível do filtro afetivo. (1982, p.43)

Ao se referir a afirmação ‘de que se crer popularmente que a idade é um preditor’ para aprendizes de LE, ou seja, que a idade influi no aprendizado, percebemos ser esta uma preocupação a qual vem de longo tempo. Além disso, o teórico faz uma inferência ao dizer:

‘pode se argumentar, no entanto que a idade não é um preditor da realização de *lingua estrangeira*’ e então fica claro neste aspecto que o autor aqui não concorda completamente com tal ideia, mas que infere ser importante considerar o volume de conteúdo e o nível de filtro afetivo.

É importante compreendermos que essas cinco hipóteses, as quais fundamentam o modelo do *monitor*, fazem parte de um ‘todo’ da contribuição do teórico ora em estudo, para a área de ensino e aprendizagem de línguas e tem como objetivo primordial servir como um “norte” na aprendizagem de LE.

2.3 Eric Lenneberg e a Hipótese do Período Crítico

Para tecermos uma melhor discussão no âmbito das discrepâncias teóricas que permeiam o papel da idade para a aprendizagem de língua estrangeira, passamos a abordar o posicionamento de Eric Lenneberg. Esse teórico foi um linguista alemão que a partir de 1967 propôs o termo *Período Crítico*, também conhecido como um fenômeno ou ‘período de maturação do cérebro’ na obra *Fundamentos Biológicos Seminais Da Língua*¹, conhecida como um clássico para a área de pesquisa de aquisição de línguas. O linguista delinea, nesta obra, que a fase entre dois anos de idade e a puberdade seria um Período Crítico.

Ele acrescenta que isso ocorre devido às diferenças entre o cérebro infantil e adulto, enfatizando que as mudanças apenas ocorrem efetivamente após a puberdade, pois o cérebro passa a sofrer sérias alterações, tendo como principal mudança a divisão das funções cerebrais coordenadas por dois hemisférios, dificultando o aprendizado, principalmente de novas línguas, período denominado de *lateralização hemisférica do cérebro* (LENNEBERG, 1967).

As principais implicações para esse fenômeno é que o aprendizado se torna menos eficaz, além disso, segundo Santana (2004), entre os períodos dos dois anos de idade até a puberdade, o cérebro perde a plasticidade e, como consequência disso, a captação natural dos sons se torna menos eficaz. Assim, baseado em Lenneberg, Santana enfatiza que

A linguagem não pode se desenvolver até certo nível de maturação física, e isso ocorreria principalmente entre as idades de dois e três anos quando há uma interação entre a maturação e a aprendizagem auto programadas. Após esse período haveria uma diminuição progressiva dessa capacidade, que se extinguiria na puberdade (2004, p. 346).

¹ Minha tradução para: *Seminal Biological Foundations on Language*

Logo, como podemos perceber, na proposta de Lenneberg, o Período Crítico de aquisição da linguagem seria aquele que coincide com o processo de lateralização² do cérebro, implicando, portanto, numa determinada dificuldade na aquisição de línguas por indivíduos que se encontrem fora do período crítico, ou seja, acima de treze ou quatorze anos.

2.3.1 As Aparentes Diferenças Entre a Teoria de Krashen e Lenneberg

Tecemos, portanto, o que Krashen defende é ligeiramente oposto ao que é defendido por Lenneberg nos seguintes pontos:

- a) Por um lado, Krashen não define um limite de idade para se obter uma LE, por outro lado, Lenneberg defende um “teto” para a aquisição de uma LE.
- b) A teoria de Krashen defende que o processo de aquisição acontece em uma ordem natural num “ambiente linguístico” enquanto Lenneberg atribui o processo de aquisição sujeito a um fenômeno denominado de maturação do cérebro onde indivíduos terão dificuldades de acordo com o nível de idade. É importante ressaltar que a teoria de uma fase sensível ou período crítico é atribuída principalmente na obtenção da fonética de LE, todavia, de acordo com o próprio Lenneberg o sucesso do aprendiz de LE dependerá

Apesar de haver minúsculas diferenças observadas nas teorias de Krashen e Lenneberg, todavia há perceptíveis contribuições no âmbito da aprendizagem de LE onde as teorias propostas tem desenvolvido um incentivo nas pesquisas as quais buscam o melhoramento no aprendizado de LE. No tocante às contribuições da teoria de Krashen podemos afirmar que é a partir da sua teoria que tem se aplicado a ideia de que o indivíduo aprende por meio da experiência no seu ambiente linguístico. As cinco teorias que Krashen elaborou são na atualidade muito importante de modo a (re) descobrir a importância do aprendiz como protagonista no processo de aprendizagem.

Ao refletir e discorrer sobre as teorias de Krashen e Lenneberg relacionando com os objetivos geral e específicos deste trabalho, verificamos que Krashen discute e propõe alternativas de aprendizagem de LE sem se preocupar diretamente com o fator idade, embora

² Refere-se à forma como processos cognitivos (funções neurais) são mais dominantes em um lado do cérebro do que de outro. Isto é parte da razão por que as pessoas podem ser canhotas ou destros. O próprio cérebro é composto por dois hemisférios que são separados um do outro por uma fissura longitudinal medial. Os dois hemisférios do cérebro estão ligados por uma banda de tecidos denominados corpo caloso, que lida com a comunicação entre os dois hemisférios cerebrais. Mesmo que os dois hemisférios pareçam ser idênticos, cada hemisfério contém redes neuronais exclusivas. (<https://psicoativo.com/2016/04/lateralizacao-do-cerebro.html>)

ressalve a importância de sempre começar desde cedo a exposição à língua que se busca aprender.

Quanto a Lenneberg e sua proposta de uma fase sensível ou período crítico discutida e aplicada à nossa pesquisa, o entendimento derivado a partir da compreensão desta teoria é que ela é importante em dois aspectos:

- a) Para a percepção da urgência em diligenciar o aprendizado seguindo a ideia do “quanto mais cedo melhor”.
- b) Compreender a época distante quando a teoria foi desenvolvida (1967 um pouco mais da metade do século 20) a qual, embora baseada em pressupostos científicos, ainda assim estava longe da tecnologia atual que facilita e revoluciona sobremaneira o meio de obter conhecimento.

2.4 Teóricos com Posicionamentos Contra e a Favor da Teoria de Lenneberg

Catherine E. Snow é uma linguista e em seus estudos ela abordou sobre a implicação da idade e as diferenças de pronúncia de sons estrangeiros. O estudo conduzido por ela, concluiu que o aprendiz com idade superior a que é considerada crítica por Lenneberg nunca conseguirá compreender perfeitamente os sons de uma língua que não é a sua. Discorrendo ainda sobre implicações da fonética e o fator idade no aprendizado de LE. Seguindo o mesmo posicionamento, Braine (1971, p.95) diz: “A hipótese do período Crítico é aceita com relevância para aquisição da pronúncia de uma LE”.

Schutz (2018), um árduo pesquisador na área de ensino e aprendizagem de LE, segue ideologicamente o posicionamento de Snow e Braine. Ao discorrer sobre os níveis de captação de sons, para justificar que uma provável superioridade de aprendizes mais jovens para o aprendizado de línguas, traz uma informação sobre um dispositivo denominado de “O Dispositivo Mosquito de 500 libras”. Tal dispositivo foi usado na Inglaterra com o propósito de investigar se crianças e adolescentes são privilegiados por uma acuidade auditiva superior à de adultos. Naquela ocasião, o aparelho foi usado para afastar adolescentes e jovens de pequenas aglomerações em frente de lojas e shoppings, uma vez que o aparelho emite um som irritante percebido apenas por esta categoria de ouvintes, logo, ficou comprovado por meio deste experimento um pouco desagradável, que crianças e jovens até vinte e cinco anos levam vantagem na acuidade auditiva e que esta vantagem pode ser aproveitada para o aprendizado de línguas.

Com este experimento, comprovou-se que além da capacidade auditiva superior, esses estudos mostraram que é provável que haja uma maior flexibilidade muscular do aparelho articulatório, o que somaria vantagens a aprendizes de uma LE nessa faixa etária. Também ajudaria a explicar o fenômeno da marcante superioridade infantil no processo de assimilação de línguas.

Ainda de acordo com Schütz (2018), essa capacidade aguçada das crianças tem grande probabilidade de ser também resultante de fatores cognitivos, pois assim argumenta o teórico:

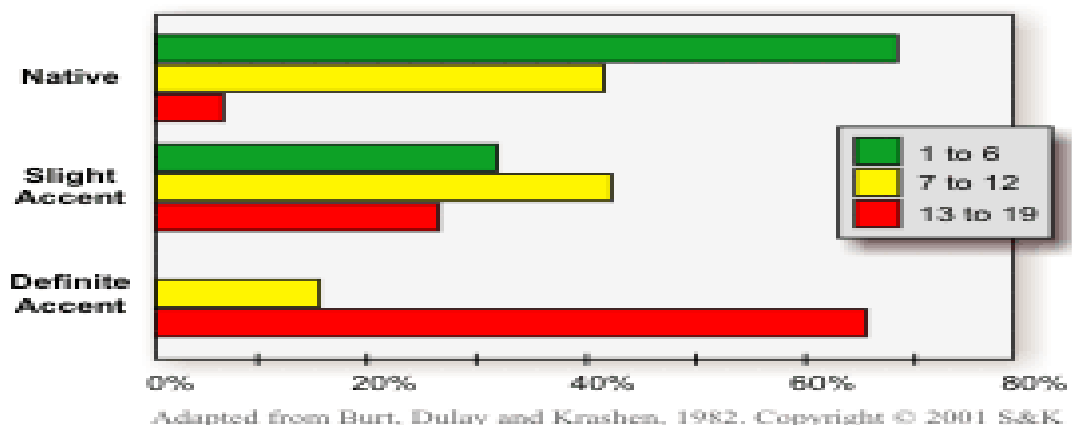
Ainda no início de seu desenvolvimento cognitivo, com filtros menos desenvolvidos e hábitos menos enraizados, [a criança] mantém a habilidade de expandir sua matriz fonológica, podendo adquirir um sistema enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato. (p. 02)

Sendo assim, diferente dos adultos que tem sua matriz fonológica sedimentada, crenças de aprendizagem e bloqueios afetivos, a criança é aberta às experiências a aprendizagem que o meio com a qual ela interage lhe oferece. Nesse contexto, fica explícita a ideia de uma aparente superioridade da criança em comparação com os adultos nos pressupostos deste teórico.

2.5 Shutz e a Pronúncia de LE

Com base nos apontamentos de Shütz (2018) é notável a compreensão sobre as características biológicas e psicológicas que diferenciam o modo de aprendizagem por parte das crianças, como foi argumentado no bloco anterior. A ideia de ‘quanto mais cedo a criança venha a ter contato com a LE pretendida, melhor torna-se o ritmo de assimilação da suposta língua’ é fortalecida nos argumentos do autor.

FIGURA 1- IDADE E NÍVEL DE PRONÚNCIA ATINGIDO EM UM ANO DE IMERSÃO



Conforme o gráfico, é coerente afirmar que quanto mais tenra for a exposição do indivíduo à uma LE pretendida, maior será sua compreensão desta e conseqüentemente maior o nível de pronúncia. Observa-se ainda as variações concernentes à pessoa e acima de tudo, as características do ambiente linguístico onde se desenvolve a aprendizagem de uma LE. De acordo com o gráfico supracitado, as limitações as quais começam a se manifestar após a puberdade são fundamentalmente de pronúncia.

No que se aduz às ligeiras vantagens da idade como fator favorecedor a aprendizazes dentro do denominado período crítico defendido nos estudos do linguista Lenneberg, isto é, indivíduos com idade entre dois aos quatorze anos, Schutz (2018) ainda lança mão do pressuposto teórico conhecido como “A *Hipótese de Harpaz*”. Yehouda Harpaz é um neurocientista britânico largamente conhecido por alguns estudos voltados para a área de pesquisa de aprendizagem de línguas. Este pressuposto fala sobre três ideias do desenvolvimento processuais cognitivos da criança que podem favorecer diretamente e/ou indiretamente o processo de aprendizado de línguas. Dessa maneira, Schutz (2018, p.2-4) elenca estes três itens sobre ³a *Hipótese de Harpaz* a qual segundo ele, parece ser a mais esclarecedora, enquanto consideramos a criança como “melhor aprendiz”.

- A aquisição da fala e a descoberta do mundo são processos paralelos para a criança.
- A interação linguística da qual a criança participa proporciona a maioria dos dados nesse processo de desenvolvimento cognitivo. Como consequência, as estruturas neurais no cérebro que correspondem aos conceitos que vão sendo aprendidos acabam naturalmente e intimamente associadas às estruturas neurais que correspondem às formas da língua.
- Quando um adulto aprende uma LE, seus conceitos (já formados) já possuem estruturas neurais fixas associadas às formas da língua materna. As estruturas neurais correspondentes às novas formas da língua estrangeira não possuem relação com as estruturas dos conceitos já formados, sendo esta uma associação mais difícil de ser estabelecida. Por estes motivos, no aprendizado de adultos, as dificuldades causadas pela interferência da língua materna são maiores.

Ao tratarmos da questão da fonética no contexto de aprendizagem de LE, é preciso levar em consideração que há muitos debates teóricos nesse campo.

³ A Hipótese de Harpaz é um estudo avaliativo onde ele afirma que todo ser humano nasceu com a capacidade ou habilidade de gerar e compreender todos os tipos de fonemas. (et e al.)

Em contraposição às ideias acima, Christopherson (1973) menciona que

Apesar de o sotaque estrangeiro ser comum nos aprendizes adultos, ele pode ser eliminado se estes forem submetidos a um treinamento especial na fonética, enquanto que nas crianças, este sotaque é perdido naturalmente, devido à plasticidade do cérebro (p. 77).

Sendo assim, é provável existir a possibilidade de um aprendiz adulto se aproximar o máximo da pronúncia estrangeira, contudo, seja preciso mais empenho e treinamento por parte desse aprendiz. Essa colocação de Christopherson foi bastante controversa para os estudos de Lenneberg e igualmente para Snow, os quais defendem uma suposta impossibilidade da aquisição de uma pronúncia satisfatória de uma L.E por indivíduos pós Período Crítico.

3. METODOLOGIA

O método de pesquisa bibliográfica propõe responder as indagações da pesquisa por meio de investigação de informações contidas em fontes secundárias como artigos, monografias, internet e revistas, com o intuito de conhecer diferentes pontos de vista sobre o tema abordado e explicar o problema por meio de referências (GIL, 2008).

Na pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa segundo Gil (2002) diz que a organização dos dados em geral é reexaminada e modificada sucessivamente para obtenção de ideias mais abrangentes e significativas, possibilitando ao pesquisador a tomada de decisões e retirada de conclusões, valendo-se, desta forma, de textos narrativos, matrizes e esquemas. Para Gerhardt e Silveira (2009) na pesquisa qualitativa não existe a consideração da representatividade numérica.

A presente pesquisa caracteriza-se como um artigo de pesquisa bibliográfica, utilizando as teorias de autores que abordam o tema. Tomando como base a hipótese do período crítico de Lenneberg (1967) onde expõe seus pressupostos sobre uma idade final, que estaria entre os 12 até aos 14 anos na aprendizagem da fonética de uma L.E e as teorias de Krashen (1982) da aquisição versus aprendizagem.

Endossamos além destes, ideias valiosas de pesquisadores no tema, tais como, Shutz (2015) e Snow (1977), entre outros. Essas bases de dados foram realizadas através da internet, e artigos em língua inglesa e portuguesa de diversos autores com abordagens a temática em estudo, e realizadas durante o período de janeiro a maio de 2018, sendo fundamentais para o enriquecimento do presente artigo.

4. ASPECTOS EDUCACIONAIS E MOTIVACIONAIS NO CONTEXTO DA IDADE E A APRENDIZAGEM DE LE

Discorrendo sobre o fator idade na aprendizagem de LE, Palea e Bratu (2015, p. 429, 430) e Assis (2017) concordam que o esforço e predisposição de um adulto para aprender são bem diferentes de aprendizes menores, uma vez que o fator impulsionador para uma criança aprender geralmente vem de fora, ou seja, de seus pais, enquanto que nos adultos tal esforço para aprender uma LE vem de motivações geralmente sociais e profissionais. Essas autoras também na questão da idade em relação à aquisição de uma LE sugerem que, ⁴‘o problema da idade na aquisição de uma LE continua a estimular interesse e provocam vívidos debates...’, tais debates são aqueles advindos sobre a chamada *idade ideal* defendida principalmente por Lenneberg e outros teóricos acerca do papel da idade no processo de aprendizagem de LE.

No que concerne aos aspectos educacionais em relação à idade no contexto de aprendizagem de LE, Palea e Bratu (2015) pontuam algumas estratégias voltadas principalmente para a postura do educador em sala de aula, como também para estudantes que buscam a aprendizagem de uma língua, essas estratégias listadas a seguir, segundo Palea e Bratu são relevantes, pois visam beneficiar professores e aprendizes, tanto para adultos, quanto para crianças, de igual modo:

- Evitar estresse durante a fase de memorização;
- Corrigir erros de forma discreta;
- Usar temas atuais e que chamem o interesse dos aprendizes.

Acerca das implicações em sala de aula no contexto de aprendizagem de LE propomos aqui tomar como base dois autores, Palea e Bratu (2015) cujas sugestões teóricas sobre o ensino de LE são pertinentes para este artigo. Palea e Bratu (2015) comentam que o aprendizado de língua é também um processo multifacetado e não uma simples questão de aprender vocabulário e sintaxe nas palavras das autoras, entende-se que o ensino na sala de aula não pode ser apenas um depositário de regras gramaticais e memorização de palavras, pois ensinar uma língua vai muito mais além que isso, é necessário sensibilidade e compromisso com a maneira peculiar de aprender dos alunos.

4.1 Aspectos Educacionais

⁴ Minha tradução para: ‘The age issue in the acquisition of a second language continues to stimulate interest and provoke lively debates’ (Palea, Bratu, 2015).

Segundo Palea e Bratu, o educador pode melhorar de modo significativo a abordagem nas aulas de LE ao seguir algumas estratégias de ensino, sem ‘causar terror’ aos aprendizes. Em seguida, listamos algumas dessas estratégias, as quais servem para suavizar a prática em sala de aula:

Evite usar o primeiro idioma com iniciantes; não force ninguém a falar; evite estresse durante a fase de memorização; não remova a tensão durante a fase comunicativa; use temas interessantes e ao vivo para os alunos; integre componentes culturais; promova contatos com falantes nativos de segunda língua; corrija erros discretamente. (2015, p.430)

Essas estratégias apresentam de grande relevância para criar um ambiente de ensino agradável e produtivo. Nenhum aluno é obrigado a falar, mas à medida que a aula se torna interessante para ele, certamente isso vai ocorrer espontaneamente. Uma variedade nos componentes culturais vai criar uma diversidade de itens que tornarão as aulas atrativas e ricas. Não irritar os aprendizes forçando-os a não cometerem deslizes de pronúncia e nem fazer correções abruptas diante da turma será notoriamente proveitoso para se conseguir os objetivos. Além disso, precisamos ressaltar que o educador precisa ter o domínio do conteúdo, pois caso contrário, ele não terá os resultados que almeja, que no caso aqui é promover um ensino significativo.

Corroborando Oliveira (2010) que o aprendizado de LE da terceira idade necessita de um projeto de ensino-aprendizagem baseado em alguns fatores: professores bem formados e preparados para as devidas competências; uma interação de tipo favorável e de qualidade significativa em sala de aula; aspectos socioculturais agregados às experiências e o papel da afetividade e da motivação.

Entre inúmeras abordagens relacionadas às estratégias de aprendizagem em LE, Bernardo (2018) menciona as estratégias de abordagem de ensino-aprendizado:

As estratégias diretas seriam aquelas que contribuem diretamente para a aprendizagem do estudante, e estas se dividem em estratégias de memória, estratégias cognitivas e estratégias de compensação. As estratégias diretas estão relacionadas ao contato com a língua alvo, podendo ser por meio de livros, conteúdos e o uso linguístico. (p. 8)

4.2 Aspectos Motivacionais (esses são mais voltados às crianças)

No contexto educacional, compreendemos que é imprescindível levarmos em consideração a questão da receptividade, do compromisso individual de cada estudante, bem como a diferença de como crianças e adultos aprendem: “Quando decidimos aprender uma

nova língua, levamos em consideração um importante compromisso: estudar e melhorar continuamente” (PALEA; BRATU, 2015).

Essa afirmação de Palea e Bratu (2015) nos leva a refletir seriamente sobre como ocorre a aprendizagem com adultos e crianças. É evidente a ideia de que adultos ao iniciarem um curso geralmente o fazem de forma consciente, mas para crianças e adolescente os aspectos motivacionais são diferentes. A título de exemplo, o aprendiz adulto está no curso por fatores motivadores, tais que, necessidade de preparo para ingresso no mercado de trabalho e viagens, enquanto as crianças, em sua grande maioria, são obrigadas a estudar, porque seus pais querem que sejam pessoas bem-sucedidas quando se tornarem adultos, e por esse motivo, pode estabelecer uma pressão sobre eles, resultando num fracasso ou sucesso.

Para Martins (2015) e Silva (2017) a introdução do lúdico no contexto ensino-aprendizagem se faz necessário tanto em sala de aula, e como parte da capacitação do educador para introdução da técnica, pois transforma o ambiente educacional mais descontraído e de entretenimento, facilitando ao aluno na aquisição da escrita e da oralidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas considerações finais, deixamos explicitado que Palea e Bratu (2015) e Assis (2017) corroboram que o esforço e predisposição de um adulto para aprender uma língua estrangeira são bem diferentes de aprendizes mais jovens, pois o fator impulsionador para uma criança aprender normalmente ocorrem por fatores diferenciados, por exemplo, dos pais ou de amigos. Enquanto que nos adultos, o esforço para aprendizagem de LE vem de motivações geralmente sociais e profissionais.

A teoria de Krashen (1982) da *aquisição-aprendizagem* é bem compreendida quando relacionamos com a Hipótese de Harpaz, pois, há uma relação bastante aparente entre as teorias destes.

Cantarotti e Simões (2006) concluem em sua pesquisa que o fator idade considerado no ensino-aprendizagem de LE não pode ser tratado de forma isolada, pois para o seu êxito, é interessante levar em consideração também as oportunidades de aprendizagem, a motivação, as diferenças individuais e a aptidão, entre outros fatores.

Para Sousa (2014) os estudantes da modalidade de ensino de jovens e adultos das escolas públicas são capazes de aprender uma língua estrangeira. Salientando também o trabalho de professores que utilizam métodos de ensino motivadores para o aprendizado de indivíduos na faixa etária tardia.

Diante do exposto, espera-se que este artigo sirva de motivação para a realização de outras pesquisas nesse vasto campo de estudo, frisando que este trabalho não cessa as discussões sobre o tema, necessitando a continuidade do tema apresentado com o intuito para a melhoria e a eficácia do ensino e aprendizagem de LE.

5.1 CONCLUSÃO

Ao concluirmos esse artigo, entendemos que profissionais da educação, em especial, professores de LE, disciplina obrigatória no currículo dos estudantes brasileiros, podem fazer uso dos importantes dados desta pesquisa para o aprimoramento do ensino/aprendizagem. Enquanto professor de língua estrangeira, compreendo os esforços dos teóricos abordados nessa pesquisa em busca de métodos cada vez mais eficientes. Contudo, discordo de que a idade seja um fator de impedimento para a realização de uma L.E satisfatória. Entendo, portanto, que a exposição à uma língua adicional pretendida pelos pais, ou por parte do próprio aprendiz, ainda criança ou adolescente, seja importante, todavia, acredito que o ser humano seja capaz de aprender uma língua estrangeira de maneira satisfatória mesmo na idade adulta ou na terceira idade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, J.M. **O fator idade e a aprendizagem do file: uma análise do adulto aprendiz.** (Monografia - Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Inglesa) - UCB, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/11204/1/JaciaraMariaDeAssisTCCLatoSensu2017.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

BERNARDO, C.P.M. **Aprendizagem em língua estrangeira: a construção de saberes no envelhecimento.** (Monografia - Bacharelado de Psicopedagogia) – UFPB, João Pessoa, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12098/1/CPMB19062018.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BRAINE, M.D.S. **The acquisition of language in infant and child.** (Livro), New York, ed. C. E. Reed, The learning of language, p.7-95, 1971.

CANTAROTTI, A.; SIMÕES, L.C. **O fator idade e o processo de aprendizagem de língua estrangeira.** (Artigo), Londrina, n. 6, p. 32-38, 2006. Disponível em: < www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/download/14084/11866>. Acesso em: 07 dez. 2018.

CHRISTOPHERSEN, P. **Second-Language Learning: Myth and Reality.** Harmondsworth, (Livro), Middlesex, Editora Penguin Books, 1973.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **SEAD: Métodos de pesquisa.** (Livro), Rio Grande do Sul, ed. UFRGS, 2009. Disponível em: <www.ufrgs.br/cursopgdr/derad005>. Acesso em: 02 mar. 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projeto de pesquisa.** (Livro), 4º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projeto de pesquisa.** (Livro), 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRASHEN, S. D. **Principles and Practices in Second Language Acquisition.** (Livro) Prentice-Hall International, 1982.

LENNEBERG, E.H. **Biological Foundations of Language. New York.** (Artigo), Rev. Behavioral Science, v.13, n.6, p. 493-495, 1967. Disponível em: < <https://doi.org/10.1002/bs.3830130610>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MARTINS, V.L. O lúdico no processo ensino-aprendizagem da língua inglesa. (Artigo), São Paulo, **Rev. Científica Intraciência Guarujá**, ed.10, 2015. Disponível em: < http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531134517.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2018.

OLIVEIRA, H.F. **À flor da (terceira) idade: crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira** (inglês). (Dissertação - Mestrado em Linguística Aplicada) -UB, Brasília, 2010. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8925>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

PALEA, L.L.; BRATU, S.B. **Age and Its Influence on Second Language Aquisition.** (Artigo), Rev. Academiei Fortelor Terestre NR., v. 80, n.4, p. 428-432, 2015. Disponível em: <http://www.armyacademy.ro/reviste/rev4_2015/Palea.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SANTANA, A.P. **Idade crítica para aquisição da linguagem.** São Paulo. (Artigo), Rev. Distúrbios da Comunicação, v.16, n.3, p. 343- 354, 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/Viviany%20Patricia/Downloads/11670-28002-1-SM.pdf>>. Acesso em 15 out. 2018.

SILVA, V.L.C. **A ludicidade como elemento motivacional no processo de aquisição da língua inglesa como língua estrangeira em situações comunicativas reais.** (Artigo), Rondônia, Rev. UNESC, n.1, 2017. Disponível em: <<http://revista.unescnet.br/index.php/jc2016/article/view/638/381>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SCHÜTZ, R. **"A idade e o aprendizado de línguas.** (Artigo)," English Made in Brazil, 2018. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-apre2.html>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

SOUSA, A.P.P. **O ensino de língua inglesa na educação de jovens e adultos-EJA.**(Artigo),2014.Disponívelem: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_16_06_2014_23_43_11_idinscrito_2188_45b2a9b872f605e42013045e0685df71.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

SNOW, C.E.; HOEFNAGEL-HÖHLE, M. **The critical period for language acquisition: evidence from second-language learning.** (Artigo), Unpublished paper, Inst. for General Linguistics, U. of Amsterdam, Rev. Desenvolvimento Infantil, v.49, n.4, p.1114-1128, 1978. Disponível em: <http://www.academia.edu/27503248/The_Critical_Period_for_Language_Acquisition_Evidence_from_Second_Language_Learning>. Acesso em: 10 fev. 2018.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por capacitar-me na elaboração deste artigo. A Me. Telma Ferreira, coordenadora do curso de Graduação, por seu empenho.

Ao professor Celso José de Lima Júnior pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus filhos Ian Matheus, Mateus Lima e Isaac William, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A minha mãe e meu pai (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia a presença de ambos ao meu lado, dando-me força.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.